

Um exemplo a seguir

Yury Bryan Gomes de Castro, em tratamento contra um linfoma: bom atendimento e carinho fazem a diferença

O Hospital da Criança completa três anos com um índice de cura de 80% e aprovação de 99,4%. Uma das razões do sucesso é o modelo de gestão: uma parceria público-privada

► DOMINIQUE LIMA

O saguão de entrada desse hospital não é silencioso. Vozes infantis preenchem o amplo espaço de pé-direito alto. O ambiente confunde o observador menos atento. Ao primeiro olhar, a imagem de crianças divertindo-se no pula-pula pouco condiz com aquela que se espera encontrar num hospital. Alguém mais atento, no entanto, será capaz de discernir semblantes preocupados de pais e acompanhantes. A presença de jalecos brancos e crianças em macas acentua a realidade de contradição entre infância

e doença. Inaugurado em novembro de 2011, o Hospital da Criança de Brasília José Alencar (HCB) vence dia a dia não apenas batalhas contra doenças que afligem crianças, mas também a tarefa de administrar um hospital público.

Seguindo protocolos internacionais de tratamento de câncer e doenças graves, o HCB registra, em média, 6 mil consultas por mês e tem índice de aprovação de 99,4%, aferido por uma empresa independente. Critérios como atendimento, limpeza e qualidade dos médicos foram mensurados e muito bem avaliados pelos usuários. Contri-

bui para o sucesso o fato de ele ter sido construído e ser administrado em conjunto pelo Estado e pela sociedade civil organizada. Idealizado pela Abrace, instituição sem fins lucrativos de assistência às famílias de crianças portadoras de câncer, o HCB foi erguido com dinheiro público e doações. A gestão do local fica a cargo de uma parceria público-privada. Os recursos vêm do governo do Distrito Federal. A administração cabe à instituição sem fins lucrativos, criada pela Abrace, denominada Instituto do Câncer Infantil e Pediatria Especializada (Icipe). A construção do prédio ficou a cargo da Abrace. Foram anos para transformar o sonho de um hospital infantil público e eficiente em realidade.

Ainda na década de 1980, a Abrace reivindicava um espaço exclusivo para o tratamento de crianças com câncer. À época, os casos eram tratados no Hospital de Base, e as crianças compartilhavam as instalações destinadas aos adultos. "A fila para exames e procedimentos era a mesma para crianças e adultos. Muitas vezes, crianças eram deixadas no final da fila, já que as equipes achavam que era perda de tempo tratá-las", lembra a pediatra Ísis Magalhães, diretora técnica do HCB, que trabalhou no Hospital de Base por mais de duas décadas.

O primeiro passo era conseguir o terreno. Depois de anos de esforços, em 2003, o atual lote onde fica o HCB foi doado pelo GDF. A finalidade do hospital também foi ampliada: de uma unidade de tratamento de crianças com câncer a um centro para tratar, além do câncer, outras doenças graves e crônicas. Os custos para a construção do prédio ficaram por conta da Abrace. A presidente da associação, Ilda Peliz, e sua equipe arrecadaram os R\$ 15 milhões por meio de doações de empresas e pessoas físicas. Ao caminhar pelo prédio, é possível encontrar dezenas de placas que nomeiam colaboradores. "A Abrace e o hospital são frutos da corrente de solidariedade de Brasília", diz Ilda.

Foram dois anos para angariar os fundos necessários e mais três para finalizar a obra. Erguido e equipado, o hospital ainda precisava de amparo jurídico para receber os recursos do governo. Como explica o superintendente do hospital, Renilson Rehem, é necessário para man-

HISTÓRIAS DO COTIDIANO



AFETO E APRENDIZADO

A residente de pediatria Tatiane Martins, de 26 anos, veio de Salvador para fazer o estágio eletivo no Hospital da Criança de Brasília. Tatiane pretende se especializar em hematologia pediátrica. Ela se impressionou com a organização do trabalho. "A estrutura é feita de forma que o paciente se sinta amparado, abraçado até", diz. Na foto, Karem Assis de Sousa, de 15 anos, é examinada por ela. Filha de Maria José Assis de Sousa, ela foi internada para tratamento de câncer.



REABILITAÇÃO COM MÚSICA

O musicoterapeuta Claudio Vinicius trata pacientes indicados por especialidades diversas, como psicologia, psiquiatria, oncopediatria e neurologia. As sessões são individuais, em grupo ou avulsas. O trabalho de musicoterapia inclui ainda a promoção de um grupo de canto coral formado por funcionários do hospital. Na foto, ele trabalha com a paciente Bianca Nascimento, que descobriu o amor pela música nas sessões de reabilitação.

ter um hospital, funcionando o mesmo montante gasto na construção a cada ano. O impasse estava em encontrar os meios jurídicos para realizar o repasse. Uma das soluções foi a doação do prédio construído pela Abrace para o Estado. A outra foi viabilizar juridicamente a parceria público-privada entre Abrace e GDF por meio da instituição de uma organização social, ente capaz de celebrar contrato de gestão com o Estado. Assim nasceu, em 2009, o Instituto do Câncer Infantil e Pediatria Especializada (Icipe), gerido por um conselho formado por servidores públicos, médicos, representantes da Abrace e da sociedade. A aprovação do contrato de gestão arrastou-se por meses. Mais de um ano após a conclusão da obra, as portas do HCB ainda estavam fechadas. “Era muito ruim visitar o hospital, ver tudo montado e, em seguida, atender os pacientes num espaço improvisado no Hospital de Apoio”, lembra Ísis Magalhães.

Em novembro de 2011, com a vigência do contrato de gestão, foi inaugurado o hospital. Em quase três anos, foram mais de 1 milhão de atendimentos. A parceria, com o repasse de verbas do GDF e a administração do Icipe, tem dado certo, apesar de dificuldades. Para o subsecretário de Atenção à Saúde do GDF, Roberto José Bittencourt, responsável pelo contrato no lado do governo, a maior vantagem desse tipo de gerência é a flexibilidade e agilidade na contratação de pessoal e aquisição de insumos.

O presidente do conselho de administração do Icipe e vice-presidente da Abrace, Newton Alarcão, acredita que a história da construção do hospital, que contou com a participação da comunidade, transformou o HCB. Envolvido com a Abrace desde 1986, ano em que sua filha teve câncer, ele ressalta que a direção do conselho é formada por membros não remunerados. “É um conselho profundamente atuante. As pessoas participam porque têm interesse na causa. Isso é um diferencial para a eficiência e comprometimento”, conta.

“A gestão do HCB deu certo porque o Icipe é extremamente bem qualificado. E a relação com a administração direta é feita por meio de um contrato de gestão rigoroso, com metas bem definidas e comissão gestora do contrato. Além disso,



Laboratórios são equipados com máquinas capazes de fazer exames complexos com poucas gotas de sangue: intuito é evitar o excesso de picadas nas crianças



Ilda Peliz, presidente da Abrace: “O Hospital da Criança é fruto da solidariedade de Brasília”

todo o repasse de recursos é monitorado e auditado”, diz o subsecretário Roberto Bittencourt.

Por ser um hospital terciário, que trata doenças graves ou crônicas, o HCB funciona por meio de referências. O paciente é recebido pela rede do Sistema Único de Saúde e, se houver indicação, é encaminhado para lá. Como a eficácia no tratamento de doenças como o câncer depende do rigor em cumprir a doutrina para cura ou controle da enfermidade, o que inclui respeito a prazos e celeridade

no atendimento, manter esse ritmo é o maior objetivo da instituição. No HCB, o índice de cura de pacientes com câncer é de 80%, comparável ao de qualquer grande centro de tratamento do mundo. O que não significa que não seja necessário incremento na estrutura para atender a demanda. Por isso, a intenção da diretoria é dobrar a estrutura.

O bloco I, prédio que está em funcionamento, tem 7 mil m², 30 consultórios e 22 leitos para internação. Está prevista a construção de um segundo bloco, com